

DESPORTO por Mário Fernandes

Amarante FC (B), 3 – UDR Formiga, 0

Amarantinos foram autênticas formigas

Jogo no Estádio Municipal de Amarante, com arbitragem de André Neto da AF do Porto, auxiliado por Israel Lopes e Bruno Nogueira

Amarante: Sérgio, Caetano (Diogo Monteiro, 66), Couto, Carlos Castro e André Teixeira, João Alves, Nuno Cerqueira, Miguel, Diogo Peixoto (Pedro Melo, 60), Quim e Nelson Campos (André Monteiro, 86)

Treinador: Carlos Alberto

Formiga: João, Daniel, Rocha, Dias e Seco (Bruno, 30), Cláudio, Sérgio, Faria (Pereira, 70), Braga, Freitas e Jorge Rodrigues (China, 68)

Treinador: Nuno Melo

Ao intervalo: 1 – 0 Golos: Nelson Campos (31), Nuno Cerqueira, 84) e Quim (87)

Amarelos: Bruno (34), Sérgio (40), Diogo Peixoto (50), Miguel (64), Faria (68) e Nelson Campos (68)

O Amarante recebeu e venceu por três bolas a zero a formação do UDR Formiga, num jogo em que a vitória não merece qualquer tipo de contestação já que

foi a única equipa que mais procurou os três pontos em disputa. O Formiga denotou sempre algumas fragilidades ofensivas, principalmente na primeira parte, já que foi totalmente ineficaz, não criando nenhum tipo de problemas ao último reduto amarantino. O Amarante apresentando na sua formação inicial cinco elementos da equipa principal, e controlando a partida mostrava alguma inconsistência ofensiva já que se mostravam individualistas e poucos assertivos no último passe. À entrada do último quarto de hora da primeira parte, Nelson Campos inaugurava o marcador com um remate que fez sobrevar o guarda-redes João, que se viu impotente para evitar o golo. O intervalo chegaria com o Amarante em vantagem, que diga-se em abono da verdade, os visitantes nunca foram capazes de anular.

A segunda parte não trouxe grandes alterações, com o Amarante a continuar a ter o domínio do jogo, mas com o Formiga a ser um pouco mais atrevido no

ataque, na procura o empate, e em consequência dessa sua postura, abria mais espaços no seu meio campo, e o Amarante ia aproveitando esses espaços, para criar mais perigo, mas sem efeito práticos. O Formiga através de lances de bola parada criava algumas situações de golo, mas Sérgio mostrou-se à altura dos acontecimentos, e por duas vezes evitou o empate. O Amarante acabou por sentenciar o jogo, primeiro por Nuno Cerqueira a finalizar uma excelente jogada de ataque do Amarante sempre em progressão e ao primeiro toque, e passados três minutos, Quim com um toque de letra a fazer o terceiro golo.

Vitória justa do Amarante, que foi mais profícuo na procura do golo, ante uma formação do Formiga, que só na segunda parte conseguiu libertar-se mais, numa boa partida de futebol, em que a equipa de arbitragem cometeu alguns erros, mas sem ter tido influência no resultado final.



“No arco da ponte” por António Patrício

Repor a verdade



Podia começar este escrito com “Era uma vez...” mas, se o fizesse, iria cair na tentação de introduzir na narração algumas fantasias o que, entendendo, o desvirtuaria. Prefiro descrever factos com sustentabilidade histórica mesmo que, pela sua singeleza, possam não ter a dimensão que gostaríamos e ou desparar, do sossego dos tempos, memórias que dormem e teimam em não acordar.

Sei que o mês é de castanhas e vinho novo; de magustos e tertúlias à roda de uma caneca de verde tinto espumoso e rubro; de provas de jeropiga ciosamente guardada em pipos de carvalho mas, factos são factos e é sobre eles que iremos dissertar.

Já trouxe às páginas deste jornal, se bem que noutra rubrica, coisas e gentes que, aqui e agora, volto a mencionar com a devida vénia à memória dos que já partiram e que foram imprescindíveis para o cimentar da história Amarantina, promoção dos seus doces conventuais e demais confeitaria.

Teci considerações sobre a possível transmissão de conhecimentos do segredo de bem fazer os doces conventuais; avantei algumas hipóteses de como teria chegado à mão de Alcino dos Réis a broa de pão-de-ló, em folha-de-flandres que, na sua confeitaria, promovia o tão Amarantino pão-doce; trouxe à memória a tão esquecida Confeitaria das Leandras e Casa das Lérias, nomes de proprietários e de modesta gente que deu o seu melhor no fabrico, quase sagrado, dos doces de Amarante e entemeceram paladares reais para a sua continuada degustação. Pois bem, hoje, vamos ajuntar mais alguns dados que nos foram, entretanto, chegando à mão, por pesquisa, sentido de ser e partilha de saber. Desculpas se me vou repetir mas nunca é tarde demais para repor-mos a verdade. “O seu a seu dono”.

Na Rua Teixeira de Vasconcelos, 12 a 16, em meados do século XX (1845) havia uma Confeitaria “Casa das Lérias”. Maria Alves da Mota (24/3/1867-30/12/1960) registou, aquela data, nos rótulos que colava nas caixas onde, religiosamente, acomodava os doces que vendia aos seus clientes. Disse, na altura, que esta senhora tinha aprendido a confeccionar os Doces Conventuais com sua mãe Ana Matias Alves (25/2/1844) e fiquei-me por aqui, parco de dados. Entretanto abriu-se-me uma porta – a água é sempre melhor quando bebida ao pé da fonte – que me permitiu trazer ao conhecimento de todos quantos ainda vão tendo paciência para lerem estes modestos escritos, novos dados que enriquecerão, sobre maneira, a história, rica e saborosa, dos Doces Conventuais e de toda a confeitaria Amarantina. Se bem que, Maria Alves da Mota aprendeu com sua mãe Ana Matias Alves, esta, por sua vez, aprendeu com sua mãe Maria do Sacramento Oliveira que acompanhou diligentemente a última freira clarissa quase até

à sua partida para o Pai (o convento de Santa Clara foi suprimido em 1835 mas só em 1862 é que o seu funcionamento foi extinto). Esta senhora, sim, foi a que abriu a Confeitaria “Casa das Lérias” em 1845 e trouxe à degustação do comum dos mortais os tão secretos Doces Conventuais, ao tempo, só consumidos nas casas da alta burguesia.

Avó, mãe e neta, três gerações que, no zeloso respeito pelo fabrico de tão especial iguaria, trouxeram até aos dias que correm um acepipe de difícil – impossível – imitação. O que é genuíno é inimitável.

Se hoje todos nos deliciamos e nos orgulhamos (uns mais do que outros) de possuir tal alimento divino devemos-lo a estas três senhoras, Amarantinas de gema, que souberam ciosamente partilhar o saber e o fazer bem. Outros, com o seu natural desaparecimento, os promoveram, divulgaram e levaram a outras terras e gentes sempre com o nome de Amarante apenso mas, isso, é outra história.

Na Rua do Covelo, também já o referi, havia a Confeitaria das Leandras que ostentava, na sua fachada, como reclame, uma broa de pão-de-ló em folha-de-flandres, pintada à cor, para além de uma placa publicitária onde se podia ler “Pão-de-ló – Especialidade desta casa – Cavacas, Galhofas e Lérias”. As chamas levaram a casa mas não levaram a broa acabando esta por ir parar à “Casa das Lérias” também como símbolo promocional deste pão-doce. Com a passagem desta confeitaria “Casa das Lérias” para Alcino dos Réis – Confeitaria Amarantina – a broa também acabou por fazer parte do espólio e, por este senhor, também ser utilizada como artigo promocional e, com sucesso, até meados dos anos sessenta do passado século.

As dúvidas, que então denotei, estão assim desfeitas para bem da gesta que a todos nos diz respeito e, da qual, não nos podemos nem devemos escamotear ou relegar para um plano que nada dignifica quem somos e a terra que somos. Paz e o descanso eterno entre os esplendores da luz perpétua a todos os que, já partindo, nos legaram gratuitamente tão grã herança.

Doces conventuais, galhofas, pão-de-ló, SS, cavacas e rebuçados de açúcar-em-ponto SÃO NOSSOS, com provas de intemporalidade, com um fabrico sui generis que, nos tempos que correm, nas mostras e feiras de doçaria têm sabido honrar e dignificar o nome de Amarante.

As nossas confeitarias estão de parabéns e o meu maior e sentido voto é que saibam preservar este bem e, com o seu saber e arte continuem a promover a doçaria Amarantina e a levá-la e alicerçá-la cada vez mais longe. Por que não à Lua?!

Caros amigos e leitores. Este actualizar da história deve-se, em grande parte, à boa vontade e partilha de saber de D.^a Luísa Coutinho que, paciente e diligentemente, nos tem posto à disposição o espólio do seu querido e, prematuramente, finado filho Dr. Luís Coutinho que, enquanto pisou esta terra que temos, muito investigou, pesquisou e registou sobre a história de Amarante e não só.

Amarante, um dia, ainda há-de meter a mão na consciência e far-lhe-á justiça. Oxalá seja no nosso tempo.

Goncalinhos.amarantefc.pt



Dando continuidade à reconhecida qualidade das escolas de formação, o Amarante Futebol Clube apostou forte na época de 2011/2012 nos “Gonçalinhos”, escalão pré-competitivo do clube.

Para além de reforçar a componente técnica, esta escola de formação estruturou os grupos em 4 níveis (Avançado, Inter-médio, Básico e Iniciação), num total de 8 equipas, alargou as idades dos 4 aos 12 anos e abriu a possibilidade de integração de raparigas. Conta neste momento com cerca de 125 atletas.

Além disso, tem hoje um vasto leque de actividades no intuito de criar condições para a preparação dos miúdos para uma vertente competitiva, não

esquecendo a formação pessoal e humana. Para além dos 2 treinos semanais, de encontros/torneios mensais contra as congéneres da zona e ainda de participação em jogos das equipas principais, das novidades desta época, destacam-se:

- Bolsa de mérito: avaliação contínua dos atletas e recompensas mensais pelo desempenho, nomeadamente, a inclusão nos treinos de Escolinhas do clube durante um mês.

- Habilidades Técnicas: análise de vídeos de truques, fintas, habilidades efectuadas pelos melhores jogadores do Mundo e aplicação das mesmas nos treinos.

- Torneio de Futebol de Rua “Nuno Gomes”: a simulação do método de aprendizagem mais

natural, que se tem perdido e que tantos craques gerou no passado. Um 2 contra 2 em ambiente “urbano”, sem árbitro, com as regras “da rua”, um estímulo à criatividade pessoal, ao “desenrasque”, à competição.

Na sequência destas iniciativas, o clube abriu uma secção própria do site do clube a fim de, tanto os atletas como os pais que os acompanham, estejam sempre a par das notícias e acontecimentos que ocorrem semanalmente. O “link” ou endereço directo é <http://goncalinhos.amarantefc.pt> e lá pode-se igualmente consultar as condições, regulamento e características desta escola de formação.

| Paulo Teixeira |